



SECRETÁRIO DA REDACÇÃO,
António Geraldo

EDITOR,

António A. Carvalho Júnior

Director e proprietário, **António Dantas, filho**

Guimarães, 12 de Maio de 1912

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Gil Vicente, 93 — GUIMARÃES

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
RUA DE PAIO GALVÃO

Ontem e hoje!

Não há nada como a nostalgia da Pátria, para fazer vibrar o espírito dos homens em profunda comoção, chamar-lhes à atenção os factos que se operam na esfera política do país e mostrar-lhes o horizonte dos ideais e do prestígio que muitas vezes se vai limitando à medida que certos acontecimentos se vão desenrolando.

A História—«essa lição eterna dos povos» com os seus sentimentos e salutareos princípios de civismo, aponta-nos as suas páginas mais brilhantes, onde milhares de homens de crença e de fé gravaram, à custa do seu sangue, o seu nome glorioso, afim de atestarem à posteridade a grandeza épica dos seus feitos imorredoiros e para, muitas vezes, mais tarde, se apagarem numa profunda decadência moral e política, em épocas que se sucedem em flagrantes alternativas.

O mesmo nos aconteceu a nós, quando a auréola dos triunfos nacionais, que ofuscava os olhos à Europa civilizada com descobertas de mares desconhecidos e de impérios ignorados, se foi dissipando por entre o orgulho dos nossos feitos e se perdeu no âmbito das aspirações egoístas dos homens sem fé, nem patriotismo.

A bandeira nacional, êsse pavilhão épico de Ourique que levou às remotas paragens da África e da Índia o Nome Lusitano e a crença de nossos avós, sente-se abatida como o Capitólio da Roma Imperial ao cair o trono dos Césares, e já não é pelo azul e branco de ontem que o nome português se torna conhecido por todo o mundo e venerado por todas as raças; é pelo verde e vermelho de hoje que se anuncia ao mundo contemporâneo uma nova Pátria, filha dum grande país que desapareceu, á medida que os seus filhos o foram renegando e traindo.

O brado dos Gamas e Albuquerque, soltado outrora em Quiloa, Mombaça e nas Índias, quando os discípulos de Mahomet tentavam macular as quinas insignes da nossa bandeira, já se não ouve; apenas se repercute nas ruas da Pátria o éco das multidões demagógicas que atentam contra os sagrados princípios do

Direito e da liberdade com a mais vil audácia, afim de apagar as glórias do nosso passado épico, no sangue das vítimas do presente.

O éco desta Pátria, tam grande na História, vibrava sempre no pavilhão azul como o manto das virgens e que se tornou triste e afogueado como os arrebois das tardes caniculares; e o sol benéfico que doirava o solo ubérrimo da antiga Lusitânia escureceu-se ao atravessar as nuvens tempestuosas dos acontecimentos políticos, para levar aos homens de além a nota triste dum país transformado numa cratera em actividade!

As páginas dos «Lusiadas», abertas á Humanidade inteira, fecharam-se, para não mais se abrirem, aos nossos homens públicos, de forma que essa pia baptismal, onde muitos portugueses receberam a consagração insigne de heróis e outros tantos beberam o patriotismo da velha raça portuguesa, perderam-se na hecatombe horrível dos acontecimentos.

A bandeira portuguesa, simbolo de paz e de amor, transformou-se num pavilhão de perseguição e de sangue, de ódios e de vinganças; e já não é a bandeira heroica que em Ourique viu a espada do Conquistador português atravessar o peito do Ismar; em Aljubarrota, derrubar o leão castelhano pelo braço invencível de Nuno Alvares; não é ainda a que em Montes Claros decidiu a sorte do trono de Filipe III e em Almorábrach abraçou o triunfo da Liberdade e no Bussaco cortou os vãos ás águias de Bonaparte, derrotando as hostes de Massena e de Sout.

E' a bandeira duma democracia, em que os homens, á sombra dos nobres princípios de Liberdade, cometem actos da mais revoltante tirania.

Ontem, víamos os povos de outros hemisférios curvarem-se humildes diante dos seus castelos de fogo e das suas quinas sagradas; ontem, víamos as grandes nações prestar-lhe a homenagem do seu preito e o culto da sua admiração; ontem, víamo-la desfazer as lendas do mar, conquistar «para a Patria novos floróis e para a civilização novos mundos», apregoar uma nova fé e ensinar uma nova Religião; ontem, víamo-la do alto dos nossos

castelos, azul como o céu da Pátria e branca como a espuma das ondas, a ser venerada como símbolo épico da nossa raça, como testemunho irrefutável dos nossos feitos, que ainda hoje fulguram como o relâmpago da Epopeia; ontem, víamo-la como mensageira da paz, como pregoeira do amor!...

Hoje vemo-la além dos mares, não orgulhosa dos seus domínios como outrora, mas abatida como o homem em casa que não é sua; vemo-la nesses mundos que conquistámos, não como um simbolo de vitalidade e de fôrça, mas sim como um herói mediocre, sem consciência das suas façanhas; vemos as grandes nações faltarem-lhe ao respeito da sua honra, traí-la á sombra dos conciliábulo e da violação do Direito internacional; hoje vemo-la vermelha como o sangue das batalhas e verde como as vagas do mar encapelado; vemo-la do cimo dos edificios nacionais, não como uma mãe meiga e terna, mas sim como uma madrasta que despreza os carinhos de filhos que não são seus.

¿ Quem conseguiu transformar-te assim, oh! pavilhão sagrado da minha Pátria, oh! simbolo augusto da minha fé? ¿ Foi o novo credo político que veio humilhar-te quando tu pedias o amparo e o concurso de todos os teus filhos? ¿ Foi a República dos homens simples, do povo honesto e trabalhador, que te deitou ao abatimento e ao ostracismo?

Não, mil vezes não!...

A República, substituindo o teu azul do céu pelo vermelho das madrugadas de abril e o branco pelo verde das paisagens dos sonhos, integrou em ti o nosso passado glorioso que te immortalizou nas páginas da História; confiou-te os destinos duma Pátria nova que se levantaria por entre os escombros duma Pátria velha e abatida; mostrou-te o caminho do futuro, o progresso da Humanidade, as reivindicações sociais, o desenvolvimento da moderna civilização; enfim, os males do teu povo que tinhas de curar e o respeito do seu nome que precisavas de ir buscar á boa vontade dos teus filhos devotados.

¿ Quem foi então que te renegou e que te abateu do pedestal heráldico?

¿ Quem foi que te deitou ao desrespeito das grandes nações e

dos povos de além-mar e não vê em ti a mesma mãe de bondade, mas sim uma madastra cruel e desumana?

— Quem me renegou, fôram a ambição e o egoísmo dos homens que á minha sombra trilham o caminho criminoso do passado; quem me arreou daquele pedestal majestoso, fôram as bombas dos elementos demagógicos e demolidores; quem me deitou ao ostracismo das nações, fôram êsses legisladores iníquos, êsses promulgadores de utopias e aberrações que são um crime em plena civilização; fôram êsses pregoeiros da desordem e da perseguição.

Quem deixou de ver em mim a mesma mãe carinhosa e de bondade, foram êsses filhos infelizes e desditosos que jazem indefinidamente nos ergástulos dessas hediondas — *bastilhas*, expiando crimes que são uma virtude e dons que são uma religião, para os que teem fé e convicção de princípios. O meu manto de Igualdade e Fraternidade não os cobre, porque neste desditoso país, quem manda não é a lei, nem a opinião sensata dos homens; é a canalha das ruas; é essa minoria demagógica que com os seus excessos me renega e avilta. O meu verde e vermelho—simbolo duma democracia liberal e dum povo livre, é feudo de ambiciosos que á minha sombra quebram a continuidade dos seus princípios liberais e rasgam os nobres e sagrados princípios da Humanidade e da Lei.

Bandeira da minha Pátria, simbolo augusto da minha fé, estende o teu manto de amor mesmo áqueles que te renegam!...

A. D.

CARTA A RABI

Recebemos de Zero a carta ao Rabi, a qual não é publicada em virtude de ter vindo bastante tarde e a essa hora termos o jornal já completo.

Ficará para o próximo número, do que pedimos desculpa ao seu autor.

A frosca manteiga de Paços de Ferreira, encontra-se á venda em latas e boiões, na LOJA DO PRETO.

A VIDA

(Ao meu Amigo e mimoso Poeta M. Mesquita).

A vida é uma avalanche de tristezas
a caminho da cova,
Palacete arruinado por torpezas
que lhe deixou a trova,
Regato a marulhar desconcertado
por cegas penedias,
A rolar-se em cachões, louco, torvado,
por falsas correrias.

A vida é isto, Amigo que suspiras
e o suspiro não sai!...
Um a sorrir-se alegre ao som das liras;
três mil gemem um ai!...
E quantos, sufocando o desespero
aos peitos dum amigo,
Procuram um instante de exagêro...
para acabar consigo!...

Quantos, quantos, a rirem noa vinte anos,
no meio dos folguedos,
Alegres dissimulam os enganos
que pensam ser segredos!...
E outros, despedaçando um só suspiro,
a volver-lhe um gemido,
Quem te diz que não choram num retiro
algum ente perdido!...

Porto—Relação

R. E.

O Cristianismo

Eis o inimigo! grita a turba
rancorosa e vil.

Infames! Erguem os punhos cer-
rados; e coléricos, espumando rai-
vosos, ameaçam os céus!

E ésses ridiculos pigmeus jul-
gam—ó loucura!—detrubar o co-
llosso!

Insensatos! Rebeldes!

E contudo «êlé» caminha na sua
marcha, inabalável e indestrutível.

E como a rocha no oceano, «êlé»
escarnece das vagas, que transfor-
mam a sua ira em humilhação a
seus pés.

Sorri das suas arremetidas e
desafia a fôrça demolidora dos sé-
culos,

E caminha... caminha sempre!
O Cristianismo!... Eis o ini-
migo!

Ateus, mentecaptos! Miseros,
mordei-vos! Nós os crentes, ven-
cemos.

Aíai a espada da Mentira!

Vomitai toda a bilis que vos
corroi!

Arvorai o vosso pendão—a Ca-
lúnia!

Nada tememos!

O nosso gládio é a Verdade!

O nosso pendão é a Cruz!

O nosso escudo, a Fé!

Avançai! Não recuaremos.

Alenta-nos a mesma coragem
dos mártires das Catacumbas.

Vós não compreendeis, miserá-
veis! a sublimidade da nossa crença!

Tentais pulverizá-la? Ridículos!

Juramos, que enquanto vós
minais debalde nos alicerces da
Igreja de Deus, nós ensinaremos
a nossos filhos a doutrina sublime
do doce Rabi da Galileia—o Már-
tir de Gólgota—.

Prepararemos assim uma poste-
ridade que seguirá até à consuma-
ção dos séculos as leis prescritas
pelo Deus de Newton, Pascal e
Pasteur.

Oráculos desorientados, sábios
doentes, filhos de Voltaire, discí-
pulos de Robespierre, camaradas
de Danton, infelizes apologistas de
Rossi: convencei-vos de que não
conseguireis apagar a luz bendita
e benéfica do Cristianismo, que
vai em vinte séculos que alumia o

mundo com o mesmo brilho, cheio
do mesmo esplendor das suas pri-
meiras eras.

Não conseguireis eliminar Deus
do coração da Humanidade; não!

Não conseguireis desarraigá-
r este povo a crença que encora-
jou os nossos remotos mareantes
a defrontar os encapelamentos dos
mares nunca dantes navegados e
a arvorar a bandeira das quinas
nos píncaros mais altos das ter-
ras descobertas, proclamando-nos
assim senhores do mundo e dos
oceanos!

Foi esta crença que fêz intrépi-
dos e preclaros heróis os nossos
guerreiros doutras eras, os quais
nos legaram uma heroicidade quasi
lendária!

E' cheio de fé que o proletário
moribundo, fitando a mulher an-
drajosa e os filhos enfezados pe-
dindo pão, procura lenitivo, que
só encontra no grémio da Re-
ligião cristã.

E' ainda esta Religião que tem
feito soltar gritos de admiração a
muitos que a odeiam.

E vós não corais de pejo por
possuídes almas tão danadas e
inteligências tão perversas!

Miseráveis! Enquanto a vossa
nefasta aspiração ruir por terra,
como um castelo de cartas, nós,
em hosanas, festejaremos o nosso
triumfo!

Ateus, mordei-vos! Nós vence-
mos!

Adriano Fernandes.

Homenagem ao Sr. Abade de Tagilde

O abaixo assinado, não ten-
do podido comparecer aos fu-
nerais do saudoso Sr. Abade
de Tagilde, como desejava, e
querendo prestar culto à me-
mória do amigo dedicado, do cida-
dão prestante e erudito homem
de letras, que tudo êle foi,
resolveu celebrar missa por sua
alma e distribuir uma esmola
a alguns pobres na Igreja da
Colegiada, ás 9 horas do dia
12 do corrente.

26 pessoas da freguesia da
Oliveira, 12 de S. Sebastião e
12 de S. Paio, serão contem-
pladas se apresentarem, dos
seus Rev.ª Parocos, uma decla-
ração, escrita e numerada até
aquele limite, de que por sua
pobreza merecem esmola.

Pede-se comparência ao re-
ligioso acto.

Guimarães, 6 de Maio de
1912.

Cónego José Maria Gomes.

Na berlinda

Vá, caros leitores! Toca a afinar
o apetite, que temos hoje cá na sec-
ção dois ratões de eternas luminá-
rias.

São duas *alminhas* que ficariam
bem melhor... a... a... ora sa-
bem a que?...

Nós dizíamos, mas... podem
chamar-nos ruins...

Adiante com o andor.

Está na berlinda a melhor junta,
parelha, par de jarras, ou aquilo
que os leitores muito bem quise-
rem, que cá temos no nosso Mu-
seu.

São os dois peras.

D. Guiñol de Malhebe Belarmi-
no Roque Rodrigues Tibúrcio, pe-
ra n.º 1 e D. Alonso Penajoia de
Monforte, dito n.º 2.

O primeiro destes dois pêssegos
está na berlinda:

—Porque sendo *qualquer coisa*
por obra e graça do diabo que o
carregue, se julgou *mais alguma
coisa*, e movido pelos cordelinhos
que alguém lhe puxava, promoveu
automaticamente a discórdia entre
a familia vimaranense.

—Porque daí lhe resultou uma
tremenda bofetada e uma lição du-
ra de roer;

—Porque, não obstante essa bo-
fetada e outras de igual teor da-
das por mãos de mestre, solici-
tou com empenho e agarrou-se
novamente com unhas e dentes a
essa *qualquer coisa* e não é capaz
de a largar, nem a bico de bota;

—Porque isso denota ausência
de qualquer coisa parecida com
sentimentos de dignidade;

—Porque a questão não é de
patriotismo, mas do raio do estó-
mago vazio;

—Porque isto de comer a dois
carrinhos e da mesma cesta é a me-
lhor coisa que existe;

—Porque se fôssemos a dizer
metade da missa, ficávamos aqui
até amanhã.

Está na berlinda o segundo
ameixo:

—Porque nunca foi coisa ne-
nhuma e certo dia fêz-se tudo
quanto há no mundo.

—Porque, mau grado a sua
vontade e os ardentes esforços
empregados, ainda não conseguiu
da actual donzela o que com a ou-
tra senhora nunca pôde arranjar;

—Porque com uma monção-
sinha de *posta*, pelo cavername
do bucho, virava de bombordo
para estibordo ou de proa para
ré, que era um regalo vê-lo;

—Porque isto de ideais com fo-
me não gruda e Alonso também
ser gente;

—Porque, se bem me parece,
bem fica a chuchar no dedo, por-
que os mandões já o conhecem;

—Porque há muito mais que
dizer, mas não vale a pena perder
tempo.

E como nenhum sabe quem
disse isto, vai cada um dar a sua
prenda.

.....
Guiñol deu um *guião* da céle-
bre ronda da Lapinha e D. Alon-
so uma toga de magistrado em
que numa ocasião de infelicíssima
saliência se encadernou, do que
lhe veio uma pitoresca carta de
doutor.

Que se há-de fazera os donos
destas prendas?

O primeiro mandá-lo lapidar
em parte, por que tem outra muito
aproveitável, e o segundo mandá-
lo cavar pés de burro, visto que
está à espera de *postazinha*.

Eis a opinião cá do

Procurador.

O melhor Café Moca e S.
Tomé vende-se na Loja do
Preto á rua de S. Dâmaso.

Neste estabelecimento, tam-
bém se encontra á venda um
grande sortido de artigos de
mercearia.

VOOS TÍMIDOS

(A ex.ª sr.ª D. M. A. Costa)

Essa imagem de amor, suave e bela,
Que no meu coração ficou gravada,
Tem brilho que fascina, qual estrêla,
E tem encanto singular de fada.

P'los tesouros de amor dessa Mulher,
Se fôsse men, eu dava o Paraíso;
Pois eu creio que nada pode haver
Que valha dela apenas um sorriso.

Se dentro da minha alma (que ventura!)
Fulgissem os lampejos duma Esp'ranca,
Este amor que me abrasa e me tortura
Seria dita que ninguém alcança.

E assim, numa amena e santa aurora
Ficava diluída esta procela,
Que a vida me consome desde a hora
Em que, louco, eu souhei o Amor só dela!

Rolando Perfeito.

Um industrial que se justifica perante a atitude dos seus operários em greve

Sr. Director do «Caloio».

Não tencionava vir a público
dar explicações acêrca dos operá-
rios marceneiros, desta cidade,
principalmente dos empregados
na nossa officina.

Com bastante experiência da
vida, sabendo que as excitações
de momento não são as melhores
conselheiras para se solucionarem
conflitos desta natureza, assisti
impassível ao movimento que se
desenrolava, vi um *manifesto* que
se publicou, e esperei que a exci-
tação acalmasse e que ao espiri-
to dos operários viesse a reflexão
ponderada e calma, sem a qual
não pode haver justiça nas recla-
mações, nem prudência no modo
de as fazer. Vendo, porém, que
o jornal denominado «Alvorada»
fundando-se nas afirmações do
manifesto, descobre em mim uma
intransigência imcompatível com
a minha educação e com o meu
sentimentalismo, eu peço licença
para nas colunas do «Caloio»
esclarecer o assunto, narrando os
factos tais como se deram, afim
de que o tribunal da opinião pú-
blica profira o seu *verdictum*,
segundo os princípios da mais
austera justiça.

Quais são as principais acu-
sações que me fazem?

São:

1.º—Pretender fundar uma cai-
xa de socorros para os operários
da nossa officina, com o fim de
lançar por terra a Associação de
Classe dos Operários Marcenei-
ros e Artes Correlativas.

2.º—Despedir da nossa officina,
o operário Fernando Manuel Ro-
drigues.

Quanto á primeira acusação,
devo declarar que nunca me apa-
vorei com a fundação da Associa-
ção de Classe.

Conheço bem o movimento as-
sociativo que caracteriza a nossa
época, louvo todos os que se em-

penham em melhorar a sorte das classes proletárias, e só lamento que, em muitos casos, tais associações não possam preencher cabalmente o fim beneficente e de mútuo socorro a que geralmente se destinam.

E a prova de que o movimento associativo me é simpático, está no facto de eu aplaudir a iniciativa duma *Caixa de Socorros* para os operários da nossa oficina. Como vem afirmar-se que o meu aplauso teria por fim lançar por terra a Associação de Classe dos Operários Marceneiros?

Não, visto que muito antes de existir essa Associação já os operários da nossa oficina haviam projectado fundar a caixa de socorros. No dia 5 de Dezembro de 1910, depois duma festa ou magusto que os nossos operários costumam realizar, precedido dum espectáculo no salão da oficina, transformado em teatro, a que costumam assistir algumas famílias e pessoas das nossas relações e dos operários, o operário Fernando Rodrigues pretendeu fazer uma *quete* com o fim de fundar nessa ocasião uma caixa de socorros. Resolveu-se, porém, adiar, ficando todavia assente que a se fundaria num futuro mais ou menos próximo, pois era essa a opinião da maior parte dos nossos operários, a quem eu animava, por me parecer que a caixa de socorros mais lhes convinha. No domingo, 14 do corrente, alguns operários pediram-me para convocar uma reunião dos seus companheiros, afim de se discutir este assunto. Acedi ao seu pedido, reuni-os na oficina, compareceu a maior parte, e, se é certo que me diziam que a maioria votava pela fundação da caixa de socorros, outros notei eu de opinião contrária, declarando que lhes não convinha contribuir para a Associação e para a caixa de socorros.

Compreendi que o assunto estava prejudicado por não haver unanimidade de votos, e declarei que era melhor desistirem da fundação da Caixa.

Responderam-me que a caixa devia ser obrigatória para todos, para assim ter a importância precisa, e que não desistiam da fundação da mesma, sendo dessa opinião também o operário Fernando Rodrigues.

Depois disto, nesse mesmo dia, alguns dos operários reuniram na Associação discutindo o assunto, protestando contra a fundação da caixa e atribuindo-me a intenção de destruir a sua Associação, como se eu tivesse nisso algum interesse. Nesse grito de revolta e nessas afirmações caluniosas salientou-se o operário Fernando, o mesmo que foi o iniciador e apologista da caixa de socorros, incitando os companheiros a desordem, a insultar e agredir alguns dos companheiros especialmente um operário natural do Pôrto, chamado David.

Foram tais e tantas as queixas que me fizeram do operário Fernando que eu, vendo nele um elemento de desordem e de indisciplina, resolvi despedi-lo, convidando-o a procurar trabalho noutra casa no prazo de quinze dias.

E' esta, sr. Director, a segunda acusação que se me faz.

E' possível que no meio da indisciplina que se nota nas diversas camadas sociais alguém censure o meu procedimento; eu, porém, estou com a minha consciência tranquila. Não nego aos nossos operários os direitos que lhes pertencem; mas exijo também o cumprimento dos deveres correlativos.

E, se é certo que o patrão não deve ver no operário um escravo, o operário não deve nem pode em nome das reivindicações sociais, faltar ao respeito que é devido ao patrão, que tem de manter ordem e a disciplina dentro da sua casa.

Sr. director: Eu tive uma grande aspiração—duma modesta oficina de marceneiros quis fazer uma escola. Alguma coisa consegui, pois aí dizem que o nosso estabelecimento honra a indústria vimaranense, e eu tenho tido muitas provas de aprêço e consideração, em encomendas de mobiliário que me tem sido feitas de diferentes terras do país, inclusive de Lisboa e Pôrto.

Quis fazer do operariado da nossa casa uma família em que todos nos auxiliássemos e nos estimássemos como irmãos. Julgava que o tinha conseguido; mas o facto de que me estou ocupando veio trazer-me a triste certeza de que ainda não consegui realizar esse desiderato.

Oxalá que se restabeleça a paz e a ordem.

Que todos tenham a nítida compreensão dos seus deveres, e que o operariado se habitue a ver nos seus patrões os amigos que o auxiliam e não os tiranos que o escravizam!

Agradecendo, sr. director, a publicação destas linhas no seu conceituado jornal,

Sou de V...

Guimarães, 30 de Abril de 1912.

João de Sousa Neves.

Pela cidade

Passeio ciclista a Felgueiras.—Um grupo de Empregados do Comércio, promovem, no Domingo 26 do corrente, um passeio de bicicleta a Felgueiras, sendo a partida à 1 1/2 horas da tarde, do Passeio da Independência.

Excursão Socialista

Tínhamos já composto o programa completo da festa de propaganda Socialista que amanhã as Associações do Pôrto, Gaia, Rio Tinto, Ermezinde, Moreira da Maia e Guimarães hão-de realizar nesta cidade, onde a Indústria tem um lindo centro de vitalidade.

A falta de espaço fêz-nos retirar à última hora a larga local.

Diremos apenas que às 8 horas se organizará o Cortejo de recepção.

Às 9 horas o combóio dos excursionistas.

Às 14 será o comício na Vaca Negra.

Por fim o piquenique de confraternização operária.

À noite marcha luminosa na partida da Excursão.

TIPOS POPULARES DA NOSSA TERRA

UMA GALERIA

II



A CACHENA

O Lourenço, vendeiro, da Senhora da Madre de Deus de Fóra, tinha sempre bons petiscos e uma boa pinga na sua loja: sabia-se isso. Depois, os fregueses a serem servidos por um palminho de cara bem talhado, heim?

A Cachena!... Oh! a Cachena, a sobrinha do Lourenço!... Que mocetona ela era, linda, gentil... sempre um sorrisinho meigo para os frequentadores... Era de se ficar encantado, não?...

—Já la vai a tua mocidade, Cachena...

—Pois olhe que ainda não sou velha; estas brancas são dos trabalhos que tenho passado... dos meus pecados... Mas eu fui bonita, não fui?... É ainda não sou feia: não vai há muitas horas que um sujeito bem estimado me perguntou se eu era filha de gente rica, sabe?

—Quem me dera no meu tempo de rapariga! Tive bem bons casamentos, tive; eu é que fui tola; agora puxo as orelhas.

Ainda se não fôssem os filhos... Sim; se eu não tivesse filhos, bem me arranjava; assim...

—Mas tu não tens os filhos contigo! Pelo menos o mais velho já engraxa ali à porta do Café; quanto aos mais novos...

—Que teem os mais novos? —Não teem nada, como teem tudo: a Câmara tomou-te conta deles...

—Sim!... Mas olhe que a pequena faz-me muita falta; era a minha companheira e todos me davam a esmola por amor dela.

Agora a mim mandam-me trabalhar, mas eu não posso, porque sofro muito do estômago. Só Deus é que sabe como eu *ando de pé*.

Que eu escusava de andar a pedir, se não fôssem os malditos dos homens. E aquele maroto que me enganou... Fiei-me no tratante e o pago é viver por aqui desgraçada, que se não fôsse a caridade já tinha morrido de fome.

Tens imensa razão: poucos são aqueles para quem o respeito pela vossa inocência é uma virtude. O homem tem geralmente a animar-lhe os sentidos de conquista a vaidade de possuir a mulher que no seu espírito se desenha agradando aos outros. Vence-a facilmente e depois... sim, depois esquece-a, atirando-a, com o seu desprezo, para o mundo, sem consciência, sem amor, sem dignidade e sem compaixão.

Tu tens razão, Cachena; mas, quantas mulheres encontramos nós nas tuas condições, embora fingindo-se maiores que a tua pessoa na escola social em que parecem viver?!... Quantas?!

E estas, iludem-se ainda, muitas vezes, com a esperança dum futuro de rosas prometido pela fantasia tola e sem escrúpulos.

E, apesar de todos os seus esforços, a mocidade vai passando, perde-se aquela frescura que uma relativa abundância lhes dá, as côres são já sustentadas á força de carmin e pós de arroz, os atractivos descem numa desoladora carreira e o amor, — oh! o amor desaparece, cai como a flor do outono, pálida, triste, mortal, e fria como o gelo duma sepultura!

E quem sabe se aquelas que tu vês muitas vezes de malinha ao ombro, passeando vestidos da moda, da alta moda, não são como tu também umas desgraçadas a quem a ilusão do luxo matou a mocidade e a virtude...

Representam por essas praias a sua imbecilidade e os seus galanteios como grandes personagens, esquecendo-se de que nós as conhecemos perfeitamente no disfarce com que pretendem iludir-nos, iludindo-se a si mesmas.

E como tu sentirás então menor a tua desdita, sabendo que debaixo daquele luxo existe muita provação e muita miséria!...

Cachena era já a alcunha da tua avó, segundo me disseram.

—E' verdade; mas eu não sei porque lhe puseram esse nome... isso já vem de longe!

—Porém tu já te não zangas, ainda que to chamem...

—Que me importa eu com isso?! O que eu queria era um vintem para uma malga de caldo; do resto, eu já estou cheia de ouvir chamar Cachena e por Cachena hei-de morrer.

Alberto César.

Cinematógrafo

HOJE—Domingo—HOJE

A fita de grande successo

O Oriental

TIP. MINERVA  VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

--DE--

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos quimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à Direcção

O CALOIRO

Publicação quinzenal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Semestre ... 240 rs.
Trimestre ... 120 "
Número avulso ... 30 "
Pelo correio aumenta 60 réis, para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição, por linha ... 20 "
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

O CALOIRO

Publicação quinzenal

Ex. mo Sr.